



O PENTEADO MODERNO

N.º 271 Lisboa, 1 de Maio de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES
Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SÉCULO, 43

Laxatina

Contra a PRISÃO do VENTRE

É o medicamento mais suave, economico, eficaz e inoffensivo para adultos e creanças. Caixa 240 réis. COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE. Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA



Estomago

O carvão naphitolado granulado da **Companhia Portuguesa Hygiene** é de grande efficacia nos casos de pepsia, dilatação do estomago, embaraço gastrico, digestões difficíes, flatulencia, diarrhéas putridas e em geral nas perturbações do estomago. Frasco, 500 réis.

Pharmacia: ROCIO, 60 a 63 — LISBOA



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

Vestidos bordados em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongée, Tulle, Chiflon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.
Biusas bordadas em Batiste, Nansouc, Toile, Lã, Cachemire, Japónais, Crêpe de Chine, desde fr. 8,50,
 franco de porte no domicilio.
 Peça as amostras e os figurinos

Schweizer & C.º, Lucerne A 22 (Suissa)
 EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

XAROPE FAME

CURA INFALLIVELMENTE BRONCHITES MESMO CHRONICAS

TOSSES ASTHMA

PREÇO 800 REIS

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL 15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS

RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil, occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares, 220 quartos. Magnificas accommodações, salões para visitas, leitura e banquetes. Diaria de 95000 réis para cima. Telephone 2873. Ender. telegr. Avenida.

SOUZA, CABRAL & C.º, Avenida Central, 152 a 162

Ponto de todos os bonds

Annexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da capital com magnificas accommodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

LOÇÃO DEQUEAN

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio Calvicie e todas as affecções do couro cabelullo. L. DEQUEAN? Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris. Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem dirigir para todas as informacões gratuitas. A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL



mais Artístico dos Perfumes de Luxo e mais Poltracos e os Perfumes de verdade

Reliqued'Amour

L. LEGRAND
 PARFUMERIE ORIZA
 11 PLACE DE LA MADELEINE . PARIS



D' O LIVRO DO AMOR E DA NATUREZA

EM FRENTE DE UMA ARAUCARIA -NO·TEU·JARDIM·EXIGUO-

A araucaria coroou-se de uma estrella.
E á tarde, um rouxinol,
no alto canta, em cima dessa estrella,
uma elegia ao sol.

A araucaria abriu plo jardim fóra
os seus braços; e assim,
braços abertos, a araucaria agora
mal cabe em teu jardim.

O redondo canteiro onde a plantaram
e onde o sol resplendia,
desde que os braços longos se alargaram
nunca mais viu o dia.

Na humida sombra a relva foi nascendo;
e sob o azul do céu,
em estrellas seus braços estendendo,
a araucaria cresceu.

Já vinte annos contados plos seus braços
em que a araucaria foi
conquistando no ar novos espaços,
firme como um heróe.

Da araucaria as estrellas que se abriram
cada uma é um anno mais...
—Vinte vezes as rosas já floriram
nos lucidos rosaes...

SEARVALHAEI



Vinte vezes tambem a primavera
floriu pra ti: depois...
Como o mundo é diverso do que elle era
aos olhos de nós dois!

Com ella tamanina, ainda pequena
tu podias brincar;
e hoje, ao seu tópo, na amplitão serena,
já não podes chegar.

Da araucaria os seus braços se alargaram,
marcando um anno mais.
Vinte vezes as rosas já murcharam
nos sombrios rosaes...

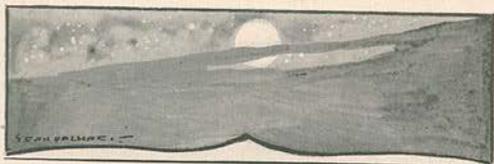
A primavera passa, o tempo fôge,
meu amor, minha irmã!
O tempo fôge... Gôsa o dia de hoje,
esquece o d'amanhã.

E gôsa... e ama! Os annos decorreram,
e tu fechada ah!
Vem-aos meus braços que por ti esperam
sempre abertos pra ti.

Dar-te-hei junto á araucaria, á sombra della,
beijos que não provaste.
Verás que a realidade ainda é mais bella
que os sonhos que sonhaste.

A araucaria coroou-se de uma estrella;
e na araucaria em flôr,
que o rouxinol, do alto dessa estrella
saúde o nosso amor!

JOÃO MARIA SANT'AGO PREZADO.



Como se faz uma boneca

Todas as crianças sabem fazer uma boneca. Pobres e ricas improvisam-na E' a vassoura, a almofada, o primeiro

trapo, o mais proximo objecto. Os bracinhos debeis das pequenitas embalam essas coisas que para a sua imaginação tomam fórmãs humanas.

Não ha ninguem que na meninice não tivesse uma mona de trapos, algumas confeccionadas com certa arte por alguma velhinha avó que com dois vidrinhos faziam os olhos, espontavam as sobrancelhas a retroz e arranjavam as torcabelleiras em torcabelleiras amarello ou em fios de seda negra, muito esfiampados,

a dar um encaraculado curioso.

Essa era a boneca portugueza feita com mais carinho do que arte, parente de umas outras que se vendem baratas e são feias, hirtas, desenxabidas com as suas pernas de arames, as suas saias desgeitosas.

A boneca moderna é a parisiense Por mais que a Allemanha queira bater a França n'este genero não o consegue. Dos dedos das operar as de Paris saem essas maravilhas adoraveis que são não só a boneca *bebésita* que rie e chora, abre e fecha os seus olhos de *biscuit* mas tambem a boneca — senhora empertigada e elegante nas suas *toilettes* de cerimonia e até



1—Uma boneca com saia-calção 2—A boneca costureira
3—Cabeças, troncos, braços e pernas



A primeira camada de panno

de saia-calção. Como aquillo é feito!... Primeiro um torso de madeira, depois uma tira de panno comprida a enrolar-o como se enfaixasse um corpo de mumia, duas pincelladas de coila forte, uma cabeça de *biscuit* que se atarracha. Uma rapariga serra o torso de madeira, a outra liga-lhe as pernas com arames. Trata-se depois de as vestir e imagina-se os prodigios que faz a operaria por essas aguas furtadas. Sente-se n'aquelles fatinhos a ternura que a pequena Delobecle punha nas azas dos passaritos que iam enfeitar os chapéus das gentis senhoras.

Cortam, talham, misturam sedas, passam a *soutache* velludos, vivem no meio de uma tropicalhagem de todas as côres, de todos os tons, de todos os tecidos, caros e baratos, novos e velhos, retalhos de rendas, de tulles, de linhos Desde a camisita até aos



O ultimo retoque



Aspecto d'um «atelier» onde se confeccionam bonecas

manteaux que de cuidados em toda aquella farraparia de despir e vestir. E' mais um laço que se ageita, mais uma fita que se enrola ao pesçoço, mais um cós que se casa na cintura para dar realce á *toilette*. Depois, são ainda os grandes chapéus, os *cloches*, as coisas ricas que dizem bem aquelles rostosinhos rosados e brancos, parados, com os seus caracões cahidos nas faces. Algumas até teem espartilhos, authenticos espartilhos, com as barbas, mollas e lacitos. Ha-os de todos os tamanhos, de todas as qualidades, em madeira, em *cautchouc*, em pasta, em *biscuit* mettidos na trapalhagem variegada que faz sonhar ás vezes que as bonecas são.. verdadeiras mulheres.—R.M



Outro aspecto d'um «atelier»

A Mulher Funcionaria do Estado

São quinze raparigas sentadas em volta das mezas largas na repartição da contagem de *coupons* da Junta de Credito Publico. Algumas bonitas; ficam-lhes bem o uniforme, o traço negro, que para as suas serventes é accrescentado com um avental branco. Dá gosto olhar para ellas. Teem o ar at-



tento, paciente e dõce que as mulheres põem nas suas tarefas, n'esses trabalhos miudos que para ellas parecem destinados. Das 11 da manhã às 5 da tarde, com uma hora de intervallo para o seu *lunch*, aquellas funcionarias do Estado vão contando os *coupons*, contando sempre, devendo attingir se-



1—Um Daetylographa da Junta do Credito Publico

2—A entrada das empregadas

3—As novas empregadas da Junta do Credito Publico: A repartição dos coupons

te milhões ao cabo de um anno e dando-lhes tambem baixa nos livros respectivos.

E' interessante o aspecto d'essa repartição publica, curioso no conjunto, magnificos os seus resultados, pois já se poude apreciar que as funcionarias sobrepassam mais um terço do trabalho dos antigos empregados. Ao mesmo tempo é consolador saber-se que o Estado pensou um pouco na mulher portugueza. Senhoras educadas, de familias respeitaveis, não podendo descer a certos misteres, tinham bem difficil a vida. A mulher no serviço do Estado era uma idéa a applicar.

Applicou-se áquella repartição e deu resultados.



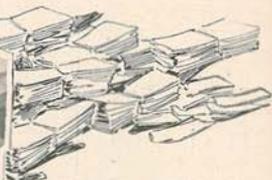
O director da Junta, sr. Thomaz Mascarenhas, vira no estrangeiro as mulheres trabalhando em repartições congeneres e n'outros e tivera a idea de fazer o mesmo nas repartições portuguezas. De balde o pediu, de balde o solicitou mostrando bem as vantagens que d'ahi podiam advir pa-

ra o serviço publico. Quando o sr. dr. Azevedo e Silva foi nomeado presidente da Junta expôz-lhe a sua idéa desde logo acolhida com verdadeiro interesse e ambos a apresentaram ao ministro.

O sr. José Relvas acccitou devêras interessado o alvitre, decidiu fazer desde logo a applicação e lavrou o decreto devido ao qual a mulher portugueza encontrou mais



1—No registo dos coupons 2—Os Instructores, a dactylographa e a servente



um apoio do Estado.

Depois tudo aquillo foi feito com o maior criterio, com o mais subido cuidado, preferindo-se as filhas de viúvas de funcionarios do Estado, exigindo provas de habilitações que todas deram. Arbitrou-se o ordenado de seiscentos réis para as empregadas e de quinhentos réis para as duas serventes e a repartição formou-se

As continuas passam ligeiras com os seus trajos negros e os aventaes brancos; ao fundo dois empregados trabalham nas suas carteiras e são os encarregados de instruir as novas funcionarias do Estado, as empregadas da Junta de Credito Publico.

N'aquella vasta sala ellas lá estão, de cabeças curvadas e bem attentas, os seus dedos finos vão passando um a um os *coupons*, contando lentamente, com uma enorme paciencia. Ha um silencio proprio de uma repartição onde se faz um trabalho d'aquella ordem, para o qual toda a attenção é pouca e pomo-nos a pensar que na sua qualidade de mulheres esse grande silencio deve ser o maior pezar dos empregados.



1—A escolha dos coupons
2—Outro aspecto da repartição
3—A inscripção dos coupons nos livros
(Clichés de Benolle)



O SR. MARINHA DE CAMPOS. JUSTIFICA-SE...

O caso Marinha de Campos apaixonou a opinião publica excitou-a mesmo. A noticia que o illustre caudilho republicano se recusava a enregar o governo da provincia de Cabo Verde produziu effeito igual ao boato que outr'ora correu relativo ao governador de Timor, coronel Celestino da Silva, deliberar fortificar-se n'esta ilha tirando-a do dominio portuguez. Sabe-se como eram fundadas estas noticias, vejamos agora como Marinha de Campos explica as accusações de que é alvo.

A «Illustração Portuguesa» sabendo terem sido prohibidas pelo sr. ministro da marinha as conferencias publicas do distincto official pediu-lhe para contar a um dos seus redactores o que foram os quatro mezes e meio do seu governo em Cabo Verde. Eis o que nos disse:

Pela tarde de sol, n'um canto da saleta, na sua casa da rua do Conde Redondo, Marinha de Campos, com quem me encontrára na



1—O ex-governador de Cabo Verde sr. Marinha de Campos
2—O desembarque em S. Vicente do ex-governador sr. Marinha de Campos



vespera no Martinho, começou a explicar o seu caso em que muitos quiseram vêr uma aventura á antiga, um sonho allucinado de soberania n'uma ilha como no seculo XVIII o conde Theodoro de Nenhof na Corsega das *vendettas* e das legendas romanticas. Com um sorriso desdenhoso aquelle homem intelligente, depois de narrar a sua acção revolucionaria desde que chegou á politica até á sua estada nos banhos de S. Paulo, quando da formação do governo provisorio, disse:

«Venceu a revolução. Estava proclamada a Republica e o ministro da

marinha offereceu-me o logar de seu secretario particular. A resposta foi breve e laco-nica: «Que não. Isso eram logares que se costumavam dar aos tenentes pouco decididos a embarcar no *Pero d' Alem-quer*».

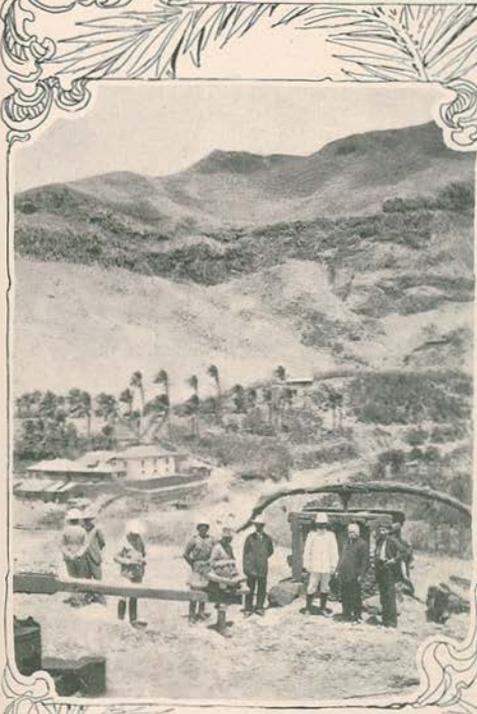
Então João Chagas falou-lhe na direcção geral das colonias. Ficaria ali bem. Todas as suas preferencias, todas as suas sympathias, uma grande parte dos seus trabalhos eram dedicados ás colonias. Que demonio!... Era preciso servir a Republica conforme as aptidões de cada um... Disse-lhe que não pedisse o logar; acrescentei que o ministro desejaria collocar ali algum official velho e cheio de galões. Sentia-se n'elle um culto pelo passado, quando o paiz devia ser governado por gente nova... Por isso não pedisse. João Chagas teimou... Dentro em dias era nomeado o sr. Teixeira Guimarães, sem que houvesse para com elle qualquer attenção.

Mais tarde, allegou que eu era muito novo e pouco graduado para o cargo, apesar de ter a mesma idade e o mesmo galão que o sr. Dias Costa quando foi nomeado. Voltou Chagas com a idéa do governo de Angola, accet-ta em principio pelo ministro.

«Não... Não que-



1—O ex-governador de Cabo Verde aclamado pelo povo na sua chegada a S. Vicente
2—Marinha de Campos agradece á Camara Municipal e ao povo da Praia terem dado o seu nome a uma das praças da cidade



1—Na Ilha Brava: Marinha de Campos e seu sequito a caminho da capital. 2—Marinha de Campos visita um «trapiche» (engenho de moer canna)

ro sair d'aqui. Tenho em Lisboa tudo por o que o meu coração bate... As ruas, as arvores, as casas, as pessoas são-me familiares... Tenho aqui tudo.» Por fim, refletindo, accitei, e novamente, sem o menor aviso, foi nomeado o major Coelho. O bravo soldado da revolta do Porto, ao saber do que se passára, procurou-me, disse-me com o coração nas mãos: Ha só uma pessoa a favor da qual desisto do governo d'Angola... E' você!... E eu, respondi, da mesma maneira franca e amiga: Tambem eu d'elle desistiria...

Chegou-se o momento de ter uma entrevista com o ministro e mostrei-lhe como se rodeava de individuos que lhe creavam má atmospheria, disse-lhe que estava trahindo o espirito da revolução...

Voltou-se para mim n'um rompante e exclamou:

—Ha muito que sou republicano!
—Pois ha individuos que quanto mais tempo estão nos logares mais os estragam!...

Disse, sahi e pedi a minha demissão de official de marinha. Não tive resposta.

Conta então como o conselho do governo deliberou no-

meal o governador de Cabo Verde, a insistência amiga de Affonso Costa para que o accceitasse e por fim a sua accedencia. Foi sem vontade—accescencia—e sem que o ministro da marinha a tivesse...

E' que conheço bem a psychologia das classes. Sei que na armada ha o preconceito contra os não combatentes, vindo de espiritos rotineiros... Eu sou commissario naval e a minha nomeação ferira vaidades de offic aes superiores obrigados ás formulas da ordenança, ás salvas dos seus navios, ás continencias. Nunca me preocupei com essas exteriorisações... Não sou modesto, mas tambem não sou vaidoso!... Aceitei... Despedi-me dos membros do ministerio e de todos elles, á excepção do ministro da marinha, ouvi conselhos e boas palavras. Theophilo fa'ou-me do futuro de Portugal ligado á nossa boa administração colonial; Bernardino Machado perguntou-me se havia colonia estrangeira em Cabo Verde e mostrou-me como era necessario inspirarmos-lhe confiança; Luiz Gomes interrogou-me ácerca do problema economico das ilhas; Barreto exhortou os officiaes que me acompanhavam a auxiliarem-na na reconstituição do nosso poderio; Affonso Costa abraçou-me com a amizade que sempre nos ligou, e José Relvas disse-me: Não peça dinheiro á metropole.

—Nunca lh'o pedirei! asseverei. E sahí para me dirigir ao ministerio da marinha.

Ali sollicitei ordens, instrucções.

Era já noite. O ministro ouviu-me e com grande surpresa minha, disse com um risinho: Cautela com as cabras.

—Com as cabras?!—perguntei pasmado de semelhante conselho.

E logo o sr. Teixeira Guimarães, accrescentou: Sim, e com os ventos. Sabe que as cabras e os ventos são os maiores flagellos da agricultura na ilha.

Com isto me despedi pasmado, com ar d'um homem que julga sonhar.

Os carregadores de S. Vicente — A estiação —
O que succedeu na «Zambeze» — A revolta
em Santa Catharina — O padre rebelde

Dias depois o ministro chamou-o para lhe falar sobre a grêve dos carregadores de S. Vicente, da qual dependia muito a vida da provincia.

Marinha de Campos explica então como é importante o commercio de carvão na ilha e como essa grêve podia representar o afastamento dos vapores d'ali desde que não fôsem servidos a tempo. Os barcos italianos não voltaram a fornecer-se em S. Vicente.

Os grévistas aguardavam a chegada do governador. Falou-lhes mal chegou, acalmou-os, prometeu estudar a questão e voltar para a resolver. Teve conferencias de tres horas com os representantes dos descarregadores e com os gerentes das casas inglezas. Mais tarde resolveu o caso a contento de todos.

Confessa então que essa grêve o assustou. Houvera estiação nas ilhas e o espectro das desgraças por ella motivada em 1903-1904, apparecia-lhe complicado com aquella grêve... O que foram essas desgraças! Vinte mil pessoas mortas de fome em alguns mezes, infelizes cahidos á beira dos caminhos expirando. Os paes indo enterrar os filhos mortos á mingua para cahirem exames á beira das suas sepulturas... A estiação! A grêve!... A ultima resolveu-a... Para a primeira ia achar remedio... Participou-o ao ministro... Aguardou uma resposta... Nem uma palavra... No ministerio das colonias emmudecera-se...

Mas n'isto é a Zambeze revoltada. O capitão dos portos Borges d'Araujo correu a dizer-lh'o. O 1.º tenente Estrella abandonára o navio; o tenente Fo'ha estava no camarote coacto... Partiu para bordo... A guarnição formára. Que queriam aquelles homens?! Não fazerem a cerimonia habitual á hora das *Avé-Marias*...

Falou-lhes, mostrou-lhes como a Republica contava com os seus filhos e o resultado foi que um velho cabo, de barbas á Nepturo, lobo do mar, farto de vêr mundo, chorava ao ser por elle abraçado n'um amplexo que ia para toda a guarnição... Ao descer a marinhagem gritava: Viva a Republica! Viva o governador! E elle exclamou: Vivam os officiaes da *Zambeze!* ao que todos os marujos responderam. O seu barco affastava-se e de cima soltavam ainda vivas. N'um gesto disse para os officiaes: — Estão feitas as pazes!...

Participou tudo isto ao ministro. Nem uma palavra

E eu, ao ouvir Marinha de Campos falar dos seus officios sem resposta, começava a entrever ali na sala, a surgir aos meus olhos, estufado e a erguer-se n'uma evocação o ministro como um Sileno com o dedo hirto junto ao labio para sempre mudo.

Marinha de Campos continuava: Não foi só isto o começo do meu governo. Rebentou uma rebellião em Santa Catharina.. Precisava ir aplacal-a... Narra então os episodios da revolta. Os nativos, n'um impeto, aconselhados pela voz d'um padre que lhes disserater a Republica abolido o direito de



senhor padre!...
 Quando chegou tinham-se refugiado nos montes; para lá estavam como lobos foragidos n'um rugido d'ameaças, e então mandou fazer um bando, onde dizia que se apresentassem sem armas, ordeiramente, e que elle saberia fazer justiça... Tinham uma hora para se apresentar!... Junto d'elle, o padre Duarte



propriedade, lançaram-se sobre as fazendas, as plantações, os armazens, devastaram, saquearam, roubaram pelas noites, como salteadores esfaimados, correndo aos bandos pelos caminhos abruptos. Aquillo era o começo d'um movimento nativista, aquillo devia ser o inicio do seu conflicto... As poucas forças militares tinham sido recebidas á pedrada. Havia um homem morto; um sargento com o craneo fracturado; campos devastados armazens saqueados por desvaierados que gritaram :

Quem mandou foi o senhor padre! Quem mandou foi o

1—O pelotão do palacio rural postado em frente da alfândega, na Praia, faz a guarda de honra ao governador 2—Marinha de Campos descendo com o tenente Torres o engenheiro Ruass e o veterinário Correia Mendes uma rocha escarpada a caminho de S. Miguel 3—Marinha de Campos percorre a ilha de S. Thyago

Graça, o tal nativo que ha muito sonha o movimento separatista, dizia-lhe: Dou a minha pa-
'avra que não os incitei á pilhagem nem ao
roubo!... E apresentava como liador da sua
conducta, n'um ar de bondade, o nome d'um
dos primeiros agricultores da ilha, Annibal Reis
Borges... Postos diante um do outro, o padre
não estendeu a mão ao agricultor... Estranhou-
lhe o procedimento, exclamou:

—Então não aperta a mão ao seu fiador?!

—Não—disse o proprietario—e elle bem
sabe porquê!

Dentro em pouco o povo apresentava-se.
Chegavam os negros aos milhares; enchiam o
mercado e d'ahi a momentos a igreja estava
pejada. Falou-lhes e apontando ao padre os
campos devastados, os feridos, as cinzas, inter-
rogou-o:

—Foi quem o ordenou?!...

«Que amava a Republica; que sempre ado-
rara esse ideal...»

Padre Graça... Vejo tudo... Não quero, po-
rém, complicações... A paz vae fazer-se... O
padre fica solto, mas tirem as algemas a todos
os presos. A Republica não d'stingue entre po-
bres e ricos, entre brancos e negros.

Annibal Reis Borges, dizia então: Ninguem
se queixava, mas queixava-se elle do padre
Era o instigador. Apesar de tudo a paz fez-se.
O padre calou-se; o proprietario tambem e o
povo ao ouvil-o falar de paz, dizia:

—E' este agora o nosso padre!...

Iam buscal-o junto ao altar e levavam-no ao
collo; as raparigas diziam sorrindo, com as
suas coifas vermelhas nas cabeças e mostrando
o esmalte niveo dos dentes: «Queriamos fazer
um tapete com as nossas cabeças para que pas-
sasse...» E os negros ajoelhavam. Ergueu um

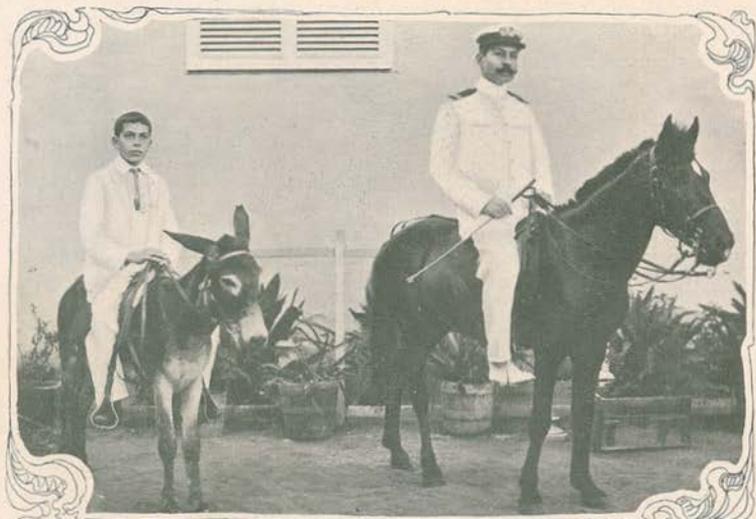
d'elles; a um pre-
to retinto, de ca-
belleira branca,
estendeu-lhe a
mão que o outro
quiz beijar e en-
tão apertou-lh'a
com grande pas-
mo do desgraça-
do que exclamou:

E' a primeira
vez que um bran-
co me estende a
mão sem ser pa-
ra receber a de-
cima!...

Quando se re-
tirou, as rapari-
gas iam cantan-
do e dançando
diante do seu ca-
vallo, entre nu-
vens de poeira
no decahir de
uma tarde quente
atravez dos
barrocaes.

Marinha de
Campos fez uma pausa
depois de nos falar assim
na sua phrase scintillan-
te e colorida, depois ac-
cescentou:

«Foi todavia isto o co-
meço d'esta questão em
que eu querendo domi-
nar um movimento nati-
vista sou accusado de
o fazer; em que
eu, soldado da Re-
publica, sou visto
como um despo-
ta.



1—Marinha de Campos ensinando seu filho Gustavo a montar, no Jardim do palacio do governo
2—Comicio popular na Prala a favor da descentralisação administrativa
das colonias



1—Marinha de Campos saindo de casa d'um espirítista-curandeiro, onde fôra assistir a uma sessão, prohibindo em seguida aquella industria

E amargamente concluiu:

—Havia gente que ao vêr-me atravessar



agora as ruas de Lisboa parecia querer verificar se eu tinha o porte d'um soberano; se na minha cabeça havia vestígios d'uma corôa real.

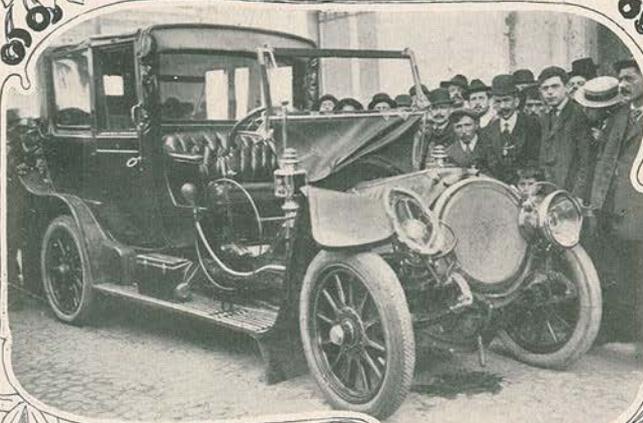
ROCHA
MARTINS.
(Continúa)



2—Marinha de Campos e a sua comitiva e varios cavalheiros dando um passeio a cavallo nailha Brava 3—O grande pátio interior do palacio do Governo: O filho segundo de Marinha de Campos, Virgílio, é photographado debaixo d'um dos arcos da sala de bilhar



FIGURAS E FACTOS



Raramente um automovel tem causado tantos desastres, como o que em 23 d'abril foi chochar com o pilar do portão do predio da rua da Palma, quasi fronteiro á rua do Soccorro. O carro, por uma manobra errada, entrou a zig-zaguear sem governo, matando duas pessoas e ferindo sete.



A tripulação do *S. Gabriel* foi depór, em 23 d'abril, corôas de flores nas sepulturas de Candido Reis e Miguel Bombarda

O capitão de mar e guerra Ladislau Parreira, cuja acção na revolta foi pr mcial, discursou junto da jazida dos caudilhos da democracia, assim como dois cabos da guarnição do *S. Gabriel*.



1—Os jogadores de socco Géo Max e Jack Meekins que se exhibiram no Colyseu de Lisboa 2—Os arbitros de lucta de socco: mr. Leon Maud e o dr. Paul Garde, presidente do Club de Sport de França 3—O automovel depois do desastre 4—O capitão de mar e guerra Ladislau Parreira, falando á tripulação do «S. Gabriel» junto da sepultura de Miguel Bombarda—(Clichés de Benolle)

A Homenagem a Elias Garcia



- 1—Um aspecto do cortejo
- 2—O cortejo subindo a Avenida
- 3—Outro aspecto do cortejo

Elias Garcia foi o velho patriarca da democracia. Uma tradição de família devia impellilo para esse caminho. Seu pae estava á espera de ser executado quando as tropas do duque da Terceira bateram as de Telles Jordão em Almadá, cimentando a victoria do partido de D. Pedro. Educado n'este principio da aurora constitucional, breve tornada n'um poente tenebroso, evolucionou e dentro dos preconceitos da

epoca, rompendo com a tradição, fez-se republicano.

Em volta d'elle havia uma politica de captação; chamaram-no para varios ministerios e entre elles para o formado pelo bispo de Vizeu. Recusou sempre. Vivia dentro do seu ideal, do sonho d'uma revolução republicana. O partido creava incremento e quando foi da celebre questão de Lourenço Marques houve a esperança d'uma victoria; a revolta do Porto fraccassando causou-lhe um profundo pesar, fallecendo mezes depois.

Quando pela primeira vez o partido republicano teve vereadores republicanos, Elias Garcia foi um d'elles e então apparece uma obra educativa que bem enaltece a sua memoria e mostra as suas reaes tendencias. Estabeleceu as escolas centraes, os batalhões escolares, as bibliothecas





varias collectividades que partindo do Terreiro do Paço foram de pôr corôas e flôres no tumulo erguido pela maçonaria ao seu antigo grão-mestre no cemiterio do alto de S. João

O governo da Republica, recordando este illustre predecessor da causa que hoje triumphou, fez-se representar pelo sr.

cas municipaes e d'ahi sahiram bem aproveitaveis resultados. O sonhador revolucionario foi n'este ponto um homem de energia.

A sua acção tambem se fez sentir na maçonaria de que foi grão-mestre.

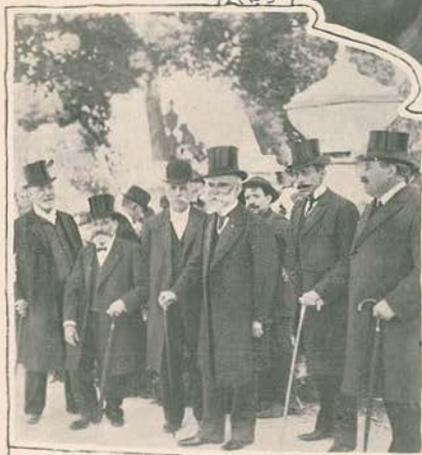
Alguns dos seus antigos companheiros e elementos maçonicos, deliberaram fazer uma homenagem á sua memoria, que se realisou em 23 de abril e na qual tomaram parte centenas de corporações, asylos, escolas e representantes de



1—As corporações desfilando diante do tumulo
2—O sr. Magalhães Lima falando 3—O sr. Magalhães Lima, grão-mestre da Maçonaria discursando

dr. Bernardino Machado, ministro dos estrangeiros, que discursando no cemiterio disse, entre outras coisas o seguinte:

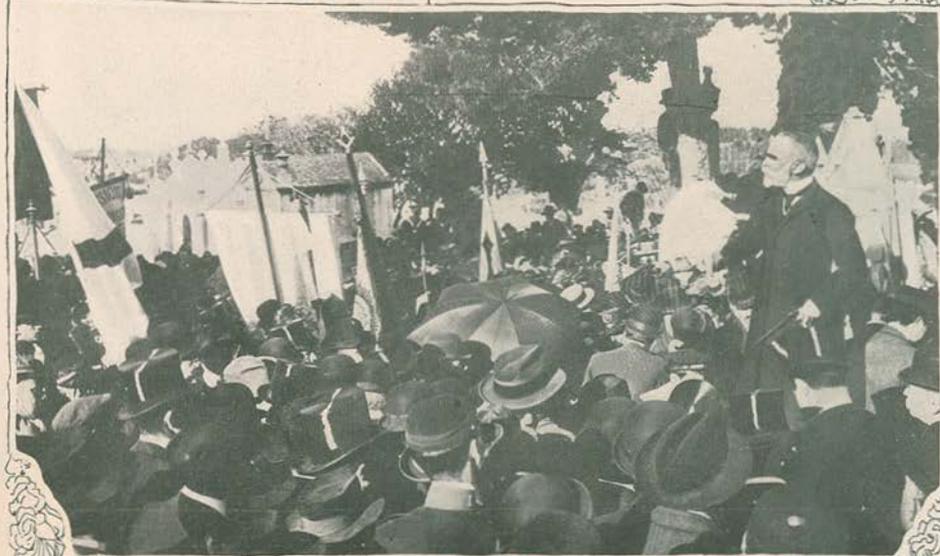
«Elias Garcia não pégou vinganças, retalições. Nunca proclamou que ao odio se devia corresponder com o odio e que a oppressão se deve oppôr a oppressão. Não se pôde



ser fiel á memoria de Elias Garcia não se sendo tambem fiel á sua doutrina.»

No tumulto foi collocada uma lapide onde se lê o seguinte: «Homenagem da R. L. C. Elias Garcia—23-4-1911» e que foi offerecida pelo Gremio Lusitano.

Tambem em Almada, terra da naturalidade do illustre republicano, se fez uma sessão de homenagem á sua memoria emquanto decorria a grande manifestação de Lisboa.



1—O sr. Feio Terenas lendo o seu discurso
2—Os srs. Magalhães Lima e Bernardino Machado com delegações da Maçonaria no cemiterio
3—O sr. Bernardino Machado, ministro dos estrangeiros falando no cemiterio
(Clichés de Renollet)

O Regresso do S. Gabriel

Muito navegou o S. Gabriel. Como uma velha nau d'aventuras foi-se por esses mares durante quinze mezes levando nos seus mastros a bandeira azul e branca e trazendo á volta a encarnada e verde.

Muito navegou o S. Gabriel! Percorreu todos os mares, viu gente de todas as raças; á sua tolda chegaram perfumes das costas de setenta e oito portos.

E' já um glorioso barco o S. Gabriel.

O Brazil acolheu-o com um extranho jubilo; a sua tripulação recebeu as maiores demonstrações de carinho na terra nossa irmã; na Argentina eguaes manifestações a envolveram. Officiaes e marinheiros visitaram os grandes estabelecimentos militares e navaes da America, os observatorios melhores do mundo, tudo o que na sua escala havia de interessante, de bel-



lo, de precioso. As colonias portuguezas espalhadas por todos esses paizes saudaram-nos com grandes festas e nas ilhas Sandwich o entusiasmo foi enorme. Succediam-se os banquetes, os passeios, as



1-A ultima ordem do commandante 2-O «S. Gabriel» chegando ao ancoradouro



Em volta do «S. Gabriel»
as embarcações

manifestações, apesar da pobreza em que ali vive a maioria dos nossos compatriotas.

Em S. Francisco da California, onde existem mais de quarenta mil portugueses, a impressão foi delirante.

Interrogado acerca das vantagens d'essa viagem de circumnavegação, o illustre marinheiro, commandante do S. Gabriel, disse o seguinte:

«Vantagens materiaes não é necessario que eu as frise. Tornando lá conhecidos os nossos productos n'essas paragens, é incontestavel que lançamos o germen que ha de fazer desenvolver e alargar os nossos mercados.»

Com effeito, todos os paizes teem reconhecido as vantagens d'essas viagens e repetidas vezes os seus na-



Marinheiros junto
à bandeira do «S. Gabriel»



Barcos com as familias d'officiaes aproximando-se
do «S. Gabriel»

vios as fazem n'uma
larga propaganda.

A par d'isso, e segundo ainda affirmou o sr. Pinto Bastos, a instrucção recebida por officiaes e praças foi immensa. Alguma coisa de pratico, de profundamente pratico, se ganhou com as visitas aos grandes arsenaes, aos observatorios, a todos os estabelecimentos modulares do percurso.

Além de tudo isso, o effeito moral produzido nas nos-

sas colonias, pela visita do S. Gabriel, foi enorme.

De resto, a despeza n'essa viagem, é menor do que a feita com a permanencia do navio em Moçambique. Agora dispenderam-se cento e setenta e quatro contos, menos vinte que n'aquella estada na nossa colonia.

No regresso, o S. Gabriel deteve-se em Cabo Verde, por ordem do governo, a fim de se



O commandante do «S. Gabriel»
com alguns

capitão tenente Pinto Bastos,
visitantes

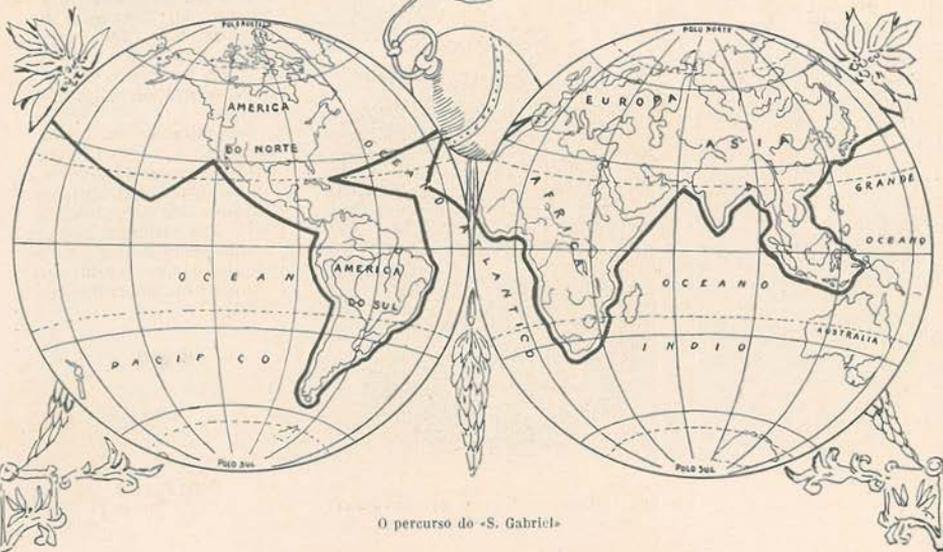
levantar uma syndicancia
aos actos do governador,
sr Marinha de Campos, a respeito
de quem tinham corrido boatos
de resistencia á entrega do gover-
no da ilha.

O commandante do S. Gabriel
visitou o governador no seu palacio,
deteve-se n'uma larga con-
versa sobre colonias e recolheu a

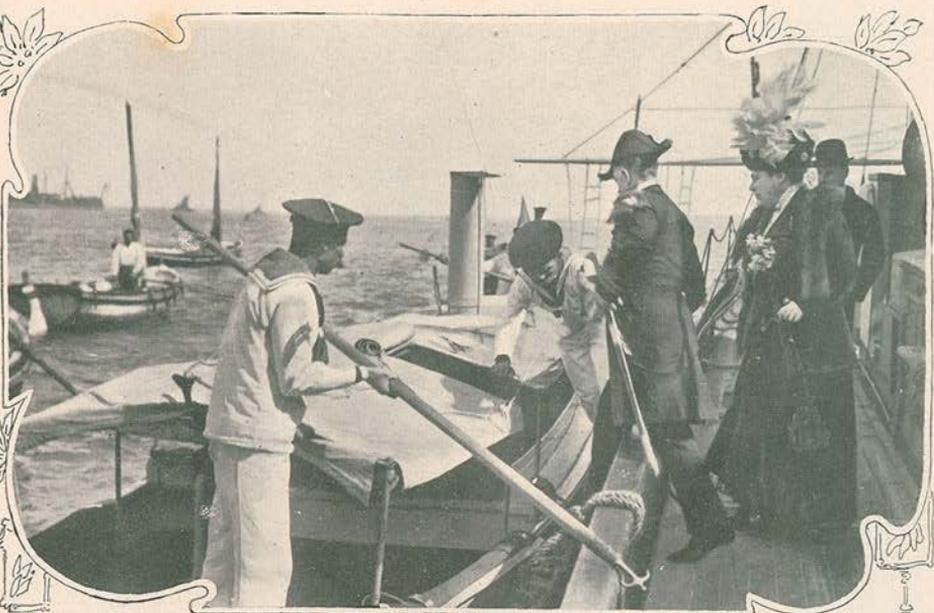
bordo, onde, em vista de um
incommodo de saude do sr.
Marinha de Campos, foi um offi-
cial agradecer a visita. Quando o
governador embarcou no *Loanda*,
o S. Gabriel retirou, chegando a
Lisboa em 20 d'abril.

O estado sanitario da tripulação
era optimo

Mal se soube da chegada do na-



O percurso do «S. Gabriel»



O commandante embarcando
ao ministro

no escaer para se ir apresentar
da marinha

vio, milhares de pessoas tomaram lugar em botes e foram ao seu encontro, sendo recebidas a bordo as famílias d'officiaes e praças, logo depois da amarração.

Na pôpa fluctuava a bandeira de sêda encarnada e verde, offercida pela guarnição, em Bombaim, na mais espontanea e entusiastica manifestação.

Foi realmente extraordinaria esta viagem, em que não ha um incidente, a não ser a deserção d'algumas praças, a maioria das quaes já se tem apresentado aos nossos consules, e em que os marinheiros portuguezes foram percorrer o mundo confiados a um eximio commandante, sendo acolhidos com verdadeiras homenagens por toda a parte.

Dizia-se que o sr. Pinto Bastos pediria a sua demissão de official de ma-

rinha, mas foi um infundado boato. O illustre marinheiro continúa ao serviço da sua patria, que, mais do nunca, carece de todos os seus filhos.

Com esta nota sympathica a toda a corporação da armada, terminou a viagem de circumnavegação do *S. Gabriel* que, ao contrario da nau *Cathrineta* da legenda, não tem para contar senão felicidades, alegrias recebidas em toda essa grande volta dos mares.

Naturalmente no proximo anno um outro navio irá fazer egual viagem levando triumphalmente a bandeira da Republica á parte dos colonos portuguezes espalhados pe'o mundo e que d'esta vez ainda a não puderam saudar.



Senhoras de familia dos officiaes
(Clichés de Benoliel)

O JURAMENTO DE BANDEIRA EM CAÇADORES-5



Os juramentos dos recrutas ás bandeiras da Republica, teem sido re-vestidos de uma grande imponencia, tendo-se des-tacado em quasi todos os regimentos os discurs-os pronunciados pelos respectivos capellães, aconselhando o amor pela Republica.

Em 23 d'abril realisa-ram-se tres d'estes actos, sendo nas baterias de Queluz, no forte do Bom Successo e em caçado-res 5, onde se fizeram grandes festejos.

Após o juramento de bandeira, da oração do capellão e dos discursos d'alguns officiaes, come-çaram os exercicios des-pertivos, que decorreram na mais completa e cabal fórma demorstrativa do muito que os recrutas teem aproveitado com a instrução.



- 1—Uma allocução aos soldados
- 2—O batalhão deante da bandeira
- 3—A bandeira passando deante dos batalhões voluntarios
- 4—O capellão e o commandante do batalhão (Cliches de Benolle)

SERVIÇO POSTAL

O NOSSO



Em todos os romances de aventuras passa um postilhão n'uma galopada e ha uma velha mala posta correndo pelas estradas aos solavancos n'um grande ruído de guiseiras e de ferragens.

Eram aquelles postilhões e aquellas carruagens que levavam as novas, as cartas, as noticias, atravez do paiz, n'outras eras. Primeiro que chegassem causavam desesperos. Foram esses carros evocados por Camillo saudosamente, n'um alarde romantico. Mas muito tempo levavam as cartas a chegar; as missivas de amor, ansiosamente esperadas, para essa então, aquelle

meio de transporte chegava a parecer a eternidade. O romance morreu, pelo menos esse romance de postilhões e malas postas. Veiu o progresso, chegou o positivismo e o correio geral, instalado ali no Terreiro do Paço encarrega-se de, com uma rapidez enorme, pôr em comunicação dois interesses ou duas sympathias.

E' o que se vê entrando n'aquellas repartições, onde as cartas entram aos montes e saem n'uma distincção de ruas e logares feita com o maximo da velocidade. As cartas, os jornaes, os bilhetes chegam, são divididas por localidades na grande meza cheia de divisorias e onde os aspirantes fazem essa tarefa com uma inexcedivel perfeição. As que são para Lisboa collocam-se nas vitrines numeradas que correspondem ás diversas areas postaes da cidade e ali os carteiros respectivos as vão buscar para dentro em pouco atravessarem as ruas com as suas malas cheias e veem com a sua presença fazer sobresaltar de prazer

1—O sr. Antonio Maria da Silva, director geral dos correios
2 e 3—Os carteiros
4—A mala posta de 1866





ou de amargura os
corações dos que
esperam.

Parece, á primeira vista,
bem complicado esse servi-
ço do correio, installado
n'um logar improprio, faz-
nos uma immensa confusão
essa passagem de logar pa-
ra logar atravez os casarões
mas, no fim, ante as expli-
cações amaveis dos empregados, comprehende-se
desde logo aquella engrenagem.

Por exemplo, quem metter uma carta no grande
receptaculo do Correio Geral e a quizer seguir
vê-a-ha cahir nas malas collocadas do lado oppo-
sito d'essas boccas escancaradas sobre as quaes se
lêem os destinos das correspondencias. De quarto



- 1 e 2—Os carteiros no Ter-
reiro do Paço
antes da distribuição
da manhã
- 3—Uma das antigas carroças
da casa real,
transformada n'um carro
dos correios
- 4—A sahida para uma expedi-
ção de cartas

em quarto de hora
moços do correio
vão buscar os gros-
sos saccoes cheios
de cartas e levam-
nas para outra re-
partição.

Sobre a grande
meza rectangular
eram carimbadas ha
tempos, mas agora
vão a um grande
marcador mechani-
co. Mettem-se as
cartas por um lado,
põe-se a machina
em movimento e em
minutos ficam cen-
tenas carimbadas. Ha a meza
geral onde se lê: Oeste—les-
te—2.º leste—3.º Norte—Di-
versas—Arredores—Lisboa—
Porto—1.º Sul—2.º Sul—Ex-
trangeiro, etc.

Com uma velocidade e uma
certeza de mão verdadeira-
mente notaveis para os diver-
sos compartimentos são en-

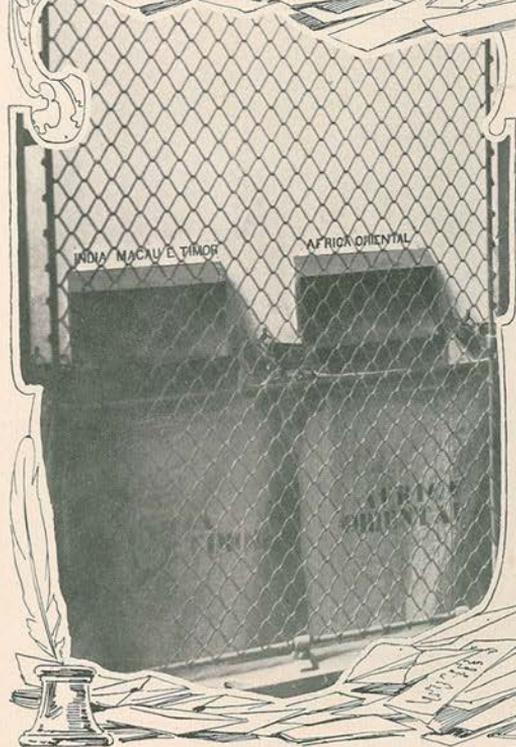


AS CORRESPONDENCIAS DE POSTA INTERNA
DEVEM SER LANÇADAS NA CAIXA DA RUA DO
ARSENAL PARA NÃO SOFFREREM DEMORA
NA DISTRIBUICAO

AS CORRESPONDENCIAS DE
NOS RECEPTACULOS DOS RE
PARA NÃO SOFFREREM DEMO



1—Receptaculo da correspondencia no correlo geral
2—O interior do receptaculo



dereçadas as cartas e os bilhetes que dentro em pouco seguirão os seus destinos nos carros de transporte, agora mais numerosos porque foram applicados ao serviço do correio muitos dos antigos carros pertencentes á casa real. São elles que, pintados de encarnado e verde, atravessam as ruas fazendo o serviço do correio da Republica.

As cartas que se destinam a Lisboa entram nas vitrines, onde os carteiros as vão buscar; as outras seguem varias repartições como as das ilhas, das colonias e estrangeiro, o que representa um trabalho methodico déveras interessante.

O rendimento da venda de estampilhas é superior a mil contos de réis annuaes, concorrendo Lisboa para esse resultado com a terça parte. Em 1907-1908 foram 1:305 contos que deu a venda de estampilhas e outras formulas de franquia. As avenças de jornaes renderam perto de trinta contos. Este anno, só de outubro a fevereiro, o rendimento foi de 413 contos de réis, diminuindo 2 contos em comparação com o anno anterior no mez de janeiro por haver a gréve ferro-viaria.

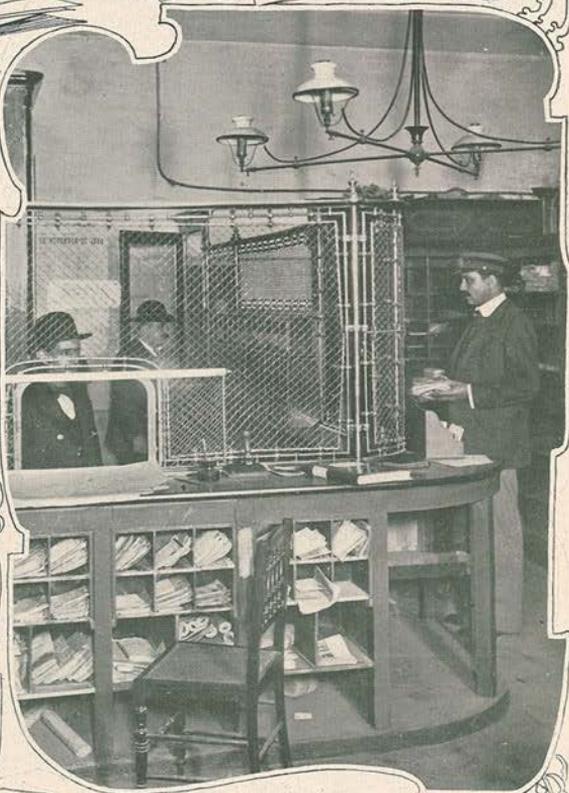
Não ha duvida que mesmo para os saudosos evocadores dos postilhões este espectáculo moderno é



1—Expedição de Jornaes
2—Posta restante

bem mais interessante, apesar de se sentir que uma carta anciamente esperada, uma carta, por exemplo, leva para os nossos espiritos, o mesmo tempo a chegar.

O serviço perfeitissimo dos empregados dos correios que actualmente é dirigido pelo engenheiro sr. Antonio Maria da Silva, com uma larga proficiencia, não tem, todavia, uma casa condigna d'elle. O correio portuguez carece de um edificio proprio, de um palacio onde todos os serviços fiquem acabando



3—Recebendo o serviço





com o acabamento das actuaes installações, com o seu dessimnamento.

Umas ficam no ministerio do fomento perto do gabinete do director geral, as outras cá em baixo, mesmos installadas em casas mandadas fazer no antigo pateo da Galé.

E então ao vêr-se toda essa mesquinhez quando o rendimento do correio augmenta de anno para anno, ao sentir-se que d'ali emana uma grandiosa parte da vida do paiz, pensa-se n'um palacio ali no Aterro agora em via de ser aformoseado, onde o correio ficasse com as suas dependencias junto umas das outras.

Teria installações largas onde os empregados pudessem mover-se á vontade e não aquella desgraça do acanhamento que constringe e afflige, logares para os seus carros de serviço e uma fachada alegre, enorme, com janellas rasgadas e alguma figura allegorica lá no alto a indicar a celeridade, a rapidez das communações, erguendo-se no topo d'esse edificio novo, soberbo, digno do magnifico serviço que prestam aquelles empregados no meio tristonho e apoucado onde se encontra installado o actual correio.

J. S.

1—A di-tribuição para o continente
2—Os carteiros diante das divisorias da correspondência
3—Separação do serviço pelos aspirantes

LA POR FÓRA



O aeroplano ao serviço do Estado: O aviator na região de Epernay, por ocasião

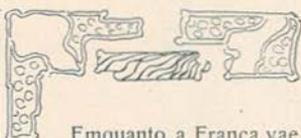
Os operarios viticultores da Champagne nos seus protestos contra o fabrico do precioso vinho na região do Marne teem empregado todos os meios de ataque

militar Chevreau proced.não a um reconhecimento da revolta da Champagne

contra as tropas que procuram a todo o transe socegal-os. Os regimentos estão em pé de guerra e até utilizam o aeroplano para a observação das manobras dos revoltosos.



Um bivaque de tropas nas ruas d'Epernay



Emquanto a França vae tratando de utilizar o aeroplano, fomentando a sua construcção, excitando os seus aperfeiçoamentos, creando os grandes aerodromos, a Allemanha teima, com essa presistencia teutonica, no fabrico de dirigiveis.

Não hesita diante dos successivos desastres, não os recorda; presiste. Todos se lembram ainda quando o conde Zippelin se despeñhou das alturas com o seu dirigivel a corrente de sympathia que a Allemanha lhe dedicou a qual foi desde logo tornada pratica com a subscrição espontanea feita para a construcção d'um novo aparelho recebido depois com todo o entusiasmo que elles merecem aos allemães.



1—O novo dirigivel militar allemão evoluclonando sobre Potojam 2—A dançarina egypcia Nofru-It., que actualmente está obtendo um enorme successo no Colyseu de Vienna na sua creação de danças egypcias antigas. A imponencia da mise-en-scene em que essas danças são executadas concorre para as tornar um espectáculo impressionante e sensacional

A PRIMEIRA BANDEIRA NACIONAL ARVORADA N'UM VELHO EDIFÍCIO PÚBLICO.

Deante dos ministros do fomento e da guerra, tendo assistido todos os operarios do estabelecimento, foi içada no velho edificio da fabrica da polvora em Chellas, a primeira bandeira nacional. Nunca se arvorara ali um estandarte e o coronel Barreto, que dirigia a fabrica, explicou no seu discurso as razões porque is o succedera:

«Com esta fabrica—disse o ministro da guerra—dá-se um caso curioso, é que nunca foi aqui hasteada uma bandeira nacional. No tempo do passado regimen bem o notára mas nunca lembrou a sua aquisição, propositadamente porque odiava as corôas desde que vira que ellas só se collocavam em cabeças de crapulosos. Agora sentia o seu coração batendo de alegria ao vêr tremular a bandeira da sua patria liberta».

No meio do maior entusiasmo, ao som das palmas e dos vivas, o ministro da guerra terminou.

Depois, sempre no mesmo espirito de confraternisação que preside ás festas da republica, os operarios da fabrica que tinham offerecido a bandeira, assistiram ao descer do retrato do coronel Barreto collocado na secretaria. O ministro do fomento no seu discurso fez a apologia do seu collega e dirigindo-se aos trabalhadores declarou que o conflicto entre o capital e o trabalho é mais uma coisa historica do que um conflicto grave para recer. Finalmente a fabrica da polvora de Chellas tem a sua bandeira comprada por subscrição feita entre o seu pessoal.



1—Antes da cerimonia: Os ministros da guerra e do fomento

2—O ministro do fomento discursando

3—Os operarios da fabrica escutando os discursos

(Plêchês de Benelli)